

## ARTIGO

### FENÍCIOS NO EGEO

MARIA CRISTINA NICOLAU KORMIKIARI

Docente em Arqueologia do Mediterrâneo no Museu de Arqueologia e Etnologia – USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do MAE- USP. Coordenadora do Labeca – Laboratório de estudos sobre a cidade antiga do MAE- USP. Contato: [tanit@usp.br](mailto:tanit@usp.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9015-801X>

**RESUMO:** Muito já foi pesquisado e escrito acerca da expansão fenícia para o Mediterrâneo Central e Ocidental, mas os primeiros passos e momentos deste importante processo que levou a importantes interações culturais na história dos povos de toda a região mediterrânica, e teve como consequência, na longa duração, produtos seminais - para citarmos apenas dois, o desenvolvimento da escrita a partir da sistematização do alfabeto fenício, e a organização socioespacial das cidades -, é ainda pouco explorado. Neste artigo, abordamos as pesquisas mais recentes acerca da presença fenícia em terras 'gregas', na região do Egeu, onde, em paralelo à ilha de Chipre, os fenícios deram seus primeiros passos fora de sua terra natal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fenícia, Expansão, Egeu.

## PHOENICIANS IN THE AEGEAN

**ABSTRACT:** Much has already been researched and written about the Phoenician expansion to the Central and Western Mediterranean, but the first steps and moments of this important process is still little explored. It is important because it led to important cultural interactions in the history of the peoples of the entire Mediterranean region, and resulted in seminal products, to mention just two, the development of writing from the systematization of the Phoenician alphabet, and the socio-spatial organization of cities. In this article, we address the most recent research on the Phoenician presence in 'Greek' lands, in the Aegean region, together with Cyprus, Phoenicians first step outside their homeland.

**KEYWORDS:** Phoenicia, Expansion, Aegean.

Recebido em: 18/05/2023

Aprovado em: 31/07/2023

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v80p219-244>



## Introdução

Os fenícios, grupo semita-cananita, habitante de cidades-estado na região da costa Siro-palestina, no atual Oriente Médio, foi assim denominado pelos gregos, particularmente em Homero. Até hoje não foi encontrada documentação escrita ou material que nos permita termos uma ideia mais clara de como eles construíram uma identidade comum, ou mesmo se essa existiu em níveis que poderiam ser identificados como os de um povo.<sup>1</sup>

Independentemente das discussões acerca da identidade, ou melhor, identidades dos fenícios - seria esta mais cidadina, isto é, ligada a cada cidade-estado, ou haveria uma identidade compartilhada, em momentos históricos específicos, nos moldes dos helenos? - o fato é que possuímos um grande conjunto de documentos, principalmente materiais, mas igualmente textuais, que apontam para um espalhamento, uma expansão fenícia pelo Mediterrâneo como um todo, a partir de suas cidades-estado, principalmente Tiro<sup>2</sup> (Figura 1).

---

<sup>1</sup> Nos últimos anos tem havido um reaquecimento das discussões acadêmicas sobre a identidade fenícia, com reexames da documentação disponível, e uma análise historiográfica do tema. Sobre essa questão, ver: Kormikiari, 2019; Killebrew, 2019; Quinn, 2018. Sabatino Moscati, em 1974, nos lembrava que um povo costuma compartilhar língua, cultos, territórios e uma história. Ao mesmo tempo, a discussão acerca do conceito de identidade(s) é antiga e longa, principalmente nos campos da Arqueologia e Antropologia, e o grande denominador comum nessa discussão é a percepção do(s) discurso(s) que são construídos para sistematizar essa história e como estes igualmente são mutantes ao longo do tempo e das vicissitudes históricas. Sobre o tema ver Hall (1997; 2002).

<sup>2</sup> Entretanto, as escavações na ilhota de Motia, localizada próxima à costa da Sicília, que foi um dos principais centros fenícios do Mediterrâneo Central, apontam para uma possível fundação por parte de Sidon (Nigro, 2019, p. 120)

Figura 1 - Mapa da Fenícia (região do Levante).



Fonte: KRAAY, 1966, p. 363. Modificado por Rodrigo Araújo, produção Labeca.

A cronologia dessa expansão acompanha a própria constituição fenícia e costuma ser colocada entre os séculos XI e X a.C.<sup>3</sup> Assim:

É famoso o trecho de Tucídides (VI, 2) onde se diz que os fenícios após terem ocupado toda a Sicília retiram-se, com a chegada em grande número dos gregos, para a região noroeste da ilha; estabelecem-se em Motia, Palermo e Solunto aonde encontram segurança na proximidade de Cartago e aliados nos elímios, povo indígena local. De maneira geral, os escritores antigos afirmam que a colonização fenícia no Mediterrâneo teria começado no final do século XII a.C. Cádiz e Útica, por exemplo, as duas colônias fenícias na Espanha e no Norte da África, teriam sido fundadas em torno de 1.100 a.C. de acordo com Veleio Patérculo (I, 2, 3) e Plínio (XVI, 216), respectivamente. Entretanto, os primeiros vestígios arqueológicos de cidades fenícias propriamente ditas começam apenas no século VIII a.C. (Tusa, 1982, p. 103) e, portanto,

<sup>3</sup> Existe um consenso entre os estudiosos sobre a marcação cronológica de início da determinação fenícia: a virada do Idade do Bronze para a Idade do Ferro. Como pontuamos no início deste texto, os fenícios são semitas-cananitas, e cidades semitas estão já constituídas na Idade do Bronze, como por exemplo, Biblos, Palmira, Ugarit e outros centros. Nem toda cidade semita fez parte da Fenícia. Isto é, a identidade semita-cananita é mais ampla, abarca outras geografias e populações. Os processos históricos que determinaram a transformação dos centros semitas-cananitas da costa Siro-palestina (a já mencionada Biblos, mas também Tiro, Berytus, Arado, Sidon e outros) em centros fenícios estão ligados às invasões dos Povos do Mar, às flutuações de controle político-militar do Egito e à destruição dos Hititas. Fatos que ocorreram no final da Idade do Bronze. Portanto, entre os séculos XII e XI a.C. estabeleceu-se, academicamente, a virada fenícia (cf. AUBET, 1997, p. 10; KILLEBREW 2019; ACQUARO, 1987, p. 11).

não confirmam os dados textuais. A explicação teórica para essa disparidade apoia-se em dois pontos: em primeiro lugar as fontes textuais referentes à colonização fenícia remetem-se a uma única tradição criada no período helenístico, e em ambientes alexandrinos; essa tradição considera os poemas homéricos como verdades históricas e o retrato dos fenícios como navegadores e comerciantes, que ali é pintado, como contemporâneo aos outros fatos narrados nos poemas. As fontes textuais clássicas também relacionam Hércules como progenitor dos fenícios, assimilando assim as viagens marítimas destes para o extremo Ocidente com as viagens míticas do herói grego (Moscati, 1983, p. 1). Em segundo lugar, já em 1925, Biagio Pace (Pace, 1958) havia caracterizado os primeiros 'estabelecimentos' fenícios na Sicília como escalas marítimas ao longo da costa, postos comerciais e de armazenamento de mercadorias, com poucas pessoas habitando as vilas indígenas próximas, talvez reunidas em quarteirões próprios, mas sem qualquer tipo de soberania territorial. Seria compreensível que a arqueologia falhasse em apresentar traços desses primeiros 'estabelecimentos', dado seu caráter modesto, e que documentasse apenas a consolidação posterior das colônias (KORMIKIARI, 1993, p. 262).

Geograficamente, como vimos pelo excerto acima, a porção ocidental da Bacia do Mediterrâneo é particularmente privilegiada, seja nos relatos textuais sobre essa expansão, seja pelas análises arqueológicas. De fato, as escolas arqueológicas francesa, italiana, espanhola, tunisiana, argelina e marroquina possuem um longo e frutífero histórico de pesquisas sobre os assentamentos fenício-púnicos em suas regiões de origem.<sup>4</sup> A bibliografia sobre estes é imensa e nela se destacam nomes como os de Sabatino Moscati, Piero Bartoloni, Ferruccio Barreca, M. Tarradel, Maria Eugenia Aubet, M'Hamed Hassine Fantar, e seus alunos, hoje notórios pesquisadores.<sup>5</sup>

Mas a porção oriental foi, não sem uma certa lógica, a primeira a ser explorada. Chipre em primeiro lugar, mas também o Egeu. Neste artigo, gostaríamos de apresentar um conjunto de dados que nos permitem melhor apreciar os inícios dos contatos fenícios no Egeu. Nestes, o papel inicial dos micênicos ainda não foi totalmente apreendido, não sem dúvida em razão das dificuldades da documentação. Assim:

---

<sup>4</sup> Mais recentemente, nas últimas duas décadas, a academia portuguesa, na figura de Ana Margarida Arruda e seus alunos, avançou enormemente em suas pesquisas locais, de maneira que, hoje, já temos muito bem documentada a presença fenícia também nestas terras.

<sup>5</sup> A bibliografia sobre os estudos fenício-púnicos pode ser acompanhada no compêndio organizado por Veronique Krings (1994), primeiro grande manual sobre o tema, na recentemente lançada atualização organizada por Carolina López-Ruiz e Brian R. Doak (2019) e no *Roman Africa: an Archaeological Review*, de David J. Mattingly e Bruce Hitchner (1995).

No estágio atual dos estudos não podemos apresentar as possíveis formas de colaboração entre fenícios e micênicos, entretanto, algumas questões podem ser levantadas: uma delas seria o importante papel de Chipre como intermediária nas relações fenício-micênicas..... Chipre, devido tanto à sua posição geográfica - sua extremidade sudeste está a menos de 100 km da costa Siro-palestina - como às suas riquezas minerais, foi frequentada já desde a metade do II milênio por egéus e cananeus. A presença fenícia é ali atestada entre o final do II e o início do I milênios em diversos sítios: Golgoi; Idalion; Tamassos; Marion e Lapethos. Isto para não mencionarmos Kítion, a colônia fundada por Tiro no século IX a.C. Ou seja, no final do II milênio, quando se inicia o processo que qualificamos de verdadeira pré-colonização em Chipre, a presença micênica na ilha já era um fato desde o século XIV a.C. Estes dois povos voltados para o comércio devem, com certeza, ter entrado em contato nessa área rica em metais brutos (especialmente o cobre), um bem que interessava a ambos (KORMIKIARI, 1993, p.265).

Existem duas questões essenciais para pensarmos a presença fenícia no Egeu.<sup>6</sup> A primeira diz respeito à própria identificação dos objetos, dos artefatos, como fenícios. A segunda diz respeito aos portadores de tais objetos. A arqueóloga grega Nota Kourou, no artigo *The evidence from the Aegean* (2008), chama atenção para estes dois pontos. Nos lembra como o uso do termo "oriental" foi substituído pelo termo "fenício"<sup>7</sup> nas últimas décadas, em referência a objetos da região Anatólica e Siro-palestina.<sup>8</sup> O que, no fundo, pode simplesmente significar trocar uma generalização por outra. Este é um problema sobre o qual devemos permanecer atentos. Ao mesmo tempo, houve avanços nos estudos de análise e classificação estilística da arte fenícia em comparação a outras escolas orientais, de maneira que há mais certeza, hoje em dia, acerca da classificação de objetos de marfim e bronze, por exemplo (Kourou, 2008, p. 307). Mas o fato de conseguirmos definir melhor se um dado objeto é fenício ou cipriota ou de alguma outra oficina levantina significaria que foi levado ao Egeu por gentes do mesmo grupo identitário que o fabricou? Durante muito tempo assumiu-se que os portadores desses objetos fossem fenícios em seus navios. No entanto, o papel dos centros e das gentes cipriotas nesta equação necessita ser melhor explorado e analisado,

---

<sup>6</sup> Esclarecemos que usaremos, neste texto, a chamada cronologia alta para as datações dos períodos Proto-geométrico e Geométrico. Sobre o debate, ver Sharon et al., 2003; Hodos, 2020, pp. 48-54.

<sup>7</sup> Igualmente problemático, tendo em vista que se trata de um termo cunhado em língua grega, no século VIII a.C. (Homero é o primeiro a utilizá-lo), conforme pontuamos acima. Ou seja, não é êmico. Sobre o tema ver Kormikiari (2019, pp. 21-22).

<sup>8</sup> Processo idêntico ocorreu em relação ao território português no início do século XX!

pois há evidência material de artefatos cipriotas em sítios egeus do início da Idade do Ferro. Ou seja, por que não teriam sido os próprios cipriotas a transportar esses objetos? Essa hipótese fortalece-se com os achados de cerâmica euboica<sup>9</sup> em diversos sítios cipriotas e da Siro-palestina (ibid., p. 308).

Ainda que tenhamos diante de nós questões de difícil resolução, lançar um olhar sobre a evidência material que possuímos, hoje, pode nos ajudar a melhor compreender a natureza e os personagens dos contatos estabelecidos no Egeu com o mundo fenício durante a Idade do Ferro (Figura 2).

Figura 2 - Mapa do Egeu.



Fonte: KRAAY, 1966, p. 363. Modificado por Rodrigo Araújo. Produção Labeca.

## A documentação

Um importante conjunto de objetos cerâmicos, de bronze e de faiança é elencado por Nota Kourou como marcadores cronológicos para a presença de gentes fenícias no Egeu (2008). Isto se dá porque esses artefatos foram todos encontrados em contextos arqueológicos fechados, isto é, foram encontrados

<sup>9</sup> O termo euboico se refere à ilha da Eubeia, localizada próxima à costa da Ática. Um dos principais sítios desta localidade, para o período de transição entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro (séculos XII - X a.C.) e para o início da Idade do Ferro no Egeu é Lefkandi.

em enterramentos não perturbados,<sup>10</sup> essencialmente do importante sítio de Lefkandi, na ilha grega de Eubeia (Figura 3).

Figura 3 - Mapa da Eubeia, com Lefkandi.



Fonte:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Guerra\\_Lelantina.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Guerra_Lelantina.jpg)

O primeiro grupo de artefatos, os de cerâmica, é o mais diminuto. Em Lefkandi foram encontrados vasos fenícios em duas tumbas, mas, por outro lado, achados bem estudados em contexto cretense também serão aqui arrolados.

Os principais tipos são vasos de verniz vermelho, jarros bicrômicos<sup>11</sup> e ânforas de transporte. As datações variam do final do século XI a.C. ao século VIII a.C. (ibid., pp. 311-13).

Um exemplo interessante, e o mais antigo, é um par de jarros bicrômicos encontrado em uma tumba em poço de Lefkandi classificada como pertencente a um “guerreiro”<sup>12</sup>. Para além dos vasos fenícios, a tumba continha os ossos cremados do guerreiro depositados em um caldeirão de

---

<sup>10</sup> A autora analisa material escavado apenas de contextos funerários fechados. Isto é, contextos arqueológicos que não sofreram intervenção humana ou natural posterior de maneira que a datação do mesmo carregue bastante segurança. Além dessa importante questão, toda a determinação cronológica é retirada das cerâmicas gregas encontradas associadas aos materiais fenícios nessas tumbas.

<sup>11</sup> Em geral, vasos bicrômicos em contexto egeu são de origem cipriota. Ainda assim, alguns exemplos de fabricação fenícia foram encontrados.

<sup>12</sup> Tumba 79 de Lefkandi (Kourou, 2008, p. 313).

bronze com tampa, armas, vasos áticos, dois selos queimados (ou seja, foram retirados da pira de combustão do corpo do defunto) de um tipo classificado como do norte da Síria e datados de 1800 a.C., duas jarras de pintura branca cipriotas e uma jarrinha vermelha sobre preto (ibid., p. 313). A datação da tumba, e dos vasos fenícios, é entendida entre 875-850 a.C.

Um dos tipos mais comuns de vasos fenícios são os chamados jarros com boca em forma de cogumelo. Estes vasos aparecem em vários contextos na Grécia. Por exemplo, em tumbas de lalyssos, em Rodes, as quais continham também vasos cipriotas. Aparecem igualmente em Kommos, um porto no sul de Creta, dessa vez em contexto ritual e não funerário, pois foram encontrados em um depósito relacionado ao Templo B, datado do Geométrico Final (século VIII a.C.). Por fim, uma outra jarrinha foi encontrada em um enterramento de cremação masculina feito em um *pithos*<sup>13</sup> datado do século VII a.C., também em contexto cretense, dessa vez no sítio de Eleftherna. O local de enterramento, denominado Orthi Petra, em Eleftherna, é rico em achados importados, principalmente do Oriente Próximo. Igualmente, em Orthi Petra encontrou-se estelas funerárias específicas, denominadas *cippi*, de tipo fenício (ibid., p. 319). Temos aqui uma clara indicação de atividades fenícias no local.

Recentemente estas estelas foram apresentadas como os indícios mais fortes que temos, até o momento, de uma presença permanente fenícia no Egeu. As referidas estelas (três em Eleftherna e duas em Kommos) possuem características típicas de estelas encontradas na própria Fenícia, e em importantes centros de contato fenício mais ao sul da costa Siro-palestina (Dor e Akko, localizados na moderna Israel) (Stampolidis, 2019, p. 497).

Já as ânforas de transporte são particularmente interessantes, pois para além do artefato em si, sua própria denominação técnica revela sua função, a de transporte de conteúdos variados.<sup>14</sup> Um conjunto de tais ânforas fenícias - 339 fragmentos compondo 25 vasos variados de armazenamento, foram encontradas em Kommos, Creta, associadas a outros materiais relacionados à segunda fase do Templo A do sítio, datada de c. 950 a.C. (Kourou, 2008, p. 320). Ou seja, anterior ao Templo B arrolado acima, o que nos indica a longevidade dos contatos.

---

<sup>13</sup> Os chamados *pithoi* (sing. *pithos*) são enormes vasos de armazenamento.

<sup>14</sup> As ânforas de transporte podiam levar líquidos como vinho e óleo; mas também grãos.

Kommos é um dos mais importantes sítios com presença fenícia no Egeu para o início da Idade do Ferro. Sendo um porto, acredita-se que foi um local estratégico da rota que ligava o Oriente ao Ocidente desde a Idade do Bronze. A grande quantidade de cerâmica ali encontrada parecer comprovar este ponto. No entanto, a estrutura que mais chama a atenção é o altar em três pilares do Templo B, o qual é identificado como o único santuário fenício encontrado no Egeu (Kourou, 2000, p. 1068). Altares em três pilares são melhor conhecidos em contexto ocidental e púnico, ou seja, ligados ao processo de expansão fenícia no Ocidente, sendo púnico o termo com o qual os romanos batizaram os descendentes destes fenícios (Kormikiari, 2019). No Egeu, um exemplo vem da cidade fenícia de Sarepta, lembrando outros de contexto canaanita.

O segundo grupo de artefatos a marcar a presença fenícia no Egeu é formado por objetos de bronze. Trata-se de uma vasta categoria composta por joias, cetros (símbolos de *status*), e vasos.<sup>15</sup>

Os que foram identificados como sendo de fabricação fenícia, mais precisamente fenício-cipriota, é um grupo de tigelas decoradas e jarros com alça em botão de lótus. Três tigelas decoradas foram encontradas, duas na necrópole de Toumba em Lefkandi e uma em uma tumba de Atenas.

A primeira tigela traz uma cena bastante elaborada: esfinges rodeando uma árvore sagrada (palmeira) e a famosa cena da procissão de adoradores em direção a uma divindade sentada (Popham, 1995).<sup>16</sup> Esta tigela foi encontrada com uma sítula<sup>17</sup> simples e um jarro com alça em lótus (mas estes aparecem fragmentados). Esta tumba específica, identificada como ricamente decorada pelos arqueólogos, pertencia a uma mulher. A datação da tumba foi estabelecida a partir do achado de três cerâmicas simples, do Proto-geométrico Tardio (2 euboicas e 1 ática). Deste modo, a datação ficou estabelecida para a segunda metade do século X a.C. (Kourou, 2008, p. 321).

Da segunda tumba em Lefkandi emergiu a segunda tigela decorada, a qual estava acompanhada por mais uma tigela de bronze, esta, no entanto,

---

<sup>15</sup> É preciso lembrar que vasos de metal, em termos arqueológicos, são achados excepcionais. De maneira geral, objetos de metal são raros, devido à sua recuperação e reutilização constante ao longo do tempo.

<sup>16</sup> Tumba 70, na necrópole de Toumba, Lefkandi, Eubeia.

<sup>17</sup> Sítula é um termo genérico para vasos com formatos variados de 'balde', podendo conter, ou não, pés, mas usualmente com alça na altura da boca do mesmo. Os primeiros exemplares de sítulas são justamente datados da Idade do Ferro.

sem decoração. A tigela decorada possui um ônfalo<sup>18</sup> central, a partir do qual os registros iconográficos estão distribuídos paralelamente. No registro superior, ao redor da boca da tigela, estão representados pares de esfinges flanqueando uma árvore sagrada. No registro inferior, ao redor do ônfalo central, vê-se animais correndo entre árvores (idem).

A tumba 55, da qual emergiram as tigelas descritas acima, é particularmente interessante porque, segundo os arqueólogos que a escavaram, traz um padrão de duplo enterramento, o qual não é usual nem para a localidade, nem para o período. Nela, foram encontradas uma cremação depositada em uma grande jarra com tampa e uma inumação no chão do poço.

Além das tigelas fenícias, a tumba continha: 15 taças euboicas,<sup>19</sup> monocromáticas e com alças únicas, muito comuns na região; um prato euboico; uma ânfora ática com três alças; duas fíbulas<sup>20</sup> de bronze; anéis de bronze e um alfinete com finalização em cristal. Todo esse conjunto material data os enterramentos do final do século X - início do IX a.C. (900-875 a.C.) (Kourou, 2008, p. 321).

Segundo Nota Kourou (ibid., p. 326), as duas tigelas decoradas de bronze fenícias, descritas acima, são os exemplos mais antigos do seu tipo encontradas em contexto egeu. Com uma cronologia próxima, a terceira tigela decorada, encontrada em um enterramento da famosa necrópole do Cerâmico<sup>21</sup>, em Atenas, traz um medalhão em roseta circulado por um registro com seis pares de figuras femininas e animais. Javalis, touros e leões aparecem representados com as cabeças viradas para cada uma das mulheres, as quais seguram seus rabos. A tumba ateniense consistia em uma cremação com um rico mobiliário funerário: seis vasos áticos; fragmentos de um diadema em ouro com decoração em padrão zigue-zague e a nossa tigela fenício-cipriota, a qual havia sido usada para cobrir a ânfora que continha as

---

<sup>18</sup> O ônfalo é uma palavra de origem grega (*omfalós*) que significa umbigo. Relaciona-se à origem de todas as coisas, o ponto central.

<sup>19</sup> Estas 'taças' possuem um formato que as aproximam, do ponto de vista descritivo, do formato de xícaras.

<sup>20</sup> Fíbulas são alfinetes de segurança para roupas. Extremamente comuns no Mediterrâneo Antigo.

<sup>21</sup> Do termo em grego, *kerameikós*. Nas cidades da Grécia antiga, define o local onde se concentram as oficinas de oleiros. Em Atenas, em particular, define um bairro ao norte da cidade, assim chamado em razão das olarias ali escavadas, o qual contém a mais importante necrópole da cidade, denominada, portanto, Cerâmico (Glossário Labeca, em <http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary> consultado em 01/08/2022).

cinzas do morto. Este conjunto funerário foi seguramente datado do século IX a.C. (850-800 a.C.) (idem).

A partir da análise destes três importantes achados, escavados em contextos fechados, isto é, não perturbados, podemos visualizar uma circulação de artefatos fenícios no Egeu dentro de uma longa cronologia, desde o início da Idade do Ferro (século X a.C.) até o período geométrico (séculos IX-VIII a.C.).<sup>22</sup>

Um quarto exemplo de artefato fenício, bem contextualizado arqueologicamente, é uma tigela de bronze sem decoração, mas que traz uma inscrição fenícia, com o nome de seu proprietário. Esta tigela foi encontrada em Cnossos (Creta), na tumba em câmara (TJ) da necrópole de Tekke. Sendo uma tumba em câmara, ela continha mais de um enterramento, mas todos foram datados entre o final do século X e início do IX a.C. (920-875 a.C.) (Kourou, 2008, p. 329). A tigela foi encontrada associada a uma ânfora em barriga cretense; a uma segunda ânfora, esta em pescoço, também cretense; e a vasos áticos.

Um quinto exemplar de tigela, mais uma em ônfalo, com uma inscrição hieroglífica, foi encontrada junto a uma tigela em bronze semiesférica sem decoração. Esta última muito comumente é encontrada em contextos gregos e é de origem cipriota. As duas estavam associadas a um rico enterramento da necrópole de Tragana, perto de Lamia, no golfo Euboico. As tigelas foram encontradas dentro de um *pithos* contendo os vestígios ósseos inumados de uma jovem de cerca 18 anos. A jovem falecida foi enterrada usando um conjunto de ornamentos em bronze: dois braceletes; vinte anéis; um colar em contas; oito grampos em espiral de cabelo; oito fíbulas com decoração incisa. As tigelas foram depositadas a seus pés (idem).

A inscrição na tigela de Tragana é silábica com quatro hieróglifos. Ela descreve o nome hitita Mu-wa-zi, talvez o nome do proprietário (Kourou, 2008, p. 335). O conjunto é datado do Geométrico Final (760-700 a.C.).

Ainda dentro da classe artefactual de objetos em metal, jarros em bronze com alça em botão de lótus encontrados no Egeu costumam ser associados

---

<sup>22</sup> É preciso ter em mente que afora os exemplos de tigelas de bronze decoradas apresentados acima, existem outras escavadas em contextos funerários e rituais não fechados (em necrópoles e templos) que confirmam uma circulação dentro da cronologia aqui apresentada. Estes exemplos vêm de Cnossos (Creta); da Gruta Idaean (Creta); de Olímpia e de Delfos (Kourou, 2008, p. 328).

aos fenícios. São jarros usualmente pequenos, com cerca 12 a 15 cm de altura. No entanto, em termos cronológicos, são inicialmente identificados em contextos egípcios, onde são datados do final da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro.

Em razão dos locais de achado mais antigos serem egípcios, há quem defenda uma origem egípcia para os mesmos. Por outro lado, com base em análises estilísticas, as jarras datadas da Idade do Ferro costumam ser atribuídas ao artesanato fenício. No Egeu, estes jarros são mais comumente encontrados em Creta (*idem*).

De Lefkandi, na Eubeia, temos três exemplares encontrados em tumbas. A primeira jarra com alça em botão de lótus foi encontrada na tumba 39, uma rica tumba ampla e retangular em poço, com mobiliário funerário que continha igualmente seis vasos áticos e cinco vasos euboicos fabricados no torno, além de ornamentos, como dois diademas em ouro, e armas, como uma lança e um punhal. Os vasos áticos garantem a datação ao período do Geométrico Final, ou seja, do século VIII a.C. (*idem*). Esta tumba em particular continha, além da jarra fenícia, outros artefatos importados: rodas em bronze cipriotas; objetos em faiança, como um leão deitado e um asco<sup>23</sup> em forma de pato; contas; e quatro vasos (Kourou, 2008, p. 341). As outras duas jarras vieram, respectivamente, das tumbas 70 e 33.

Por fim, gostaríamos de apresentar alguns objetos orientais em faiança encontrados em bem contextualizados enterramentos gregos, o qual representa nosso terceiro grupo.

Objetos em faiança estão entre os produtos importados mais comumente atestados em enterramentos nas necrópoles de Lefkandi, bem como em outros locais egeus da Idade do Ferro Inicial. Nota Kourou pontua que, infelizmente, atribuições a ateliês específicos ainda é problemática. O Egito, Chipre e Rodas são locais usuais de atribuição para alguns tipos precisos. Ainda assim, a maioria deles, no entanto, deve ser genericamente relacionada à costa Siro-palestina (*ibid.*, p. 349).

---

<sup>23</sup> O *askós* (pl. *askoi*) era um vaso pequeno, redondo, com base plana e uma longa alça em arco que se junta ao pescoço do vaso colocado em um ângulo oblíquo. O termo *askós* faz referência às bolsas de couro usadas para carregar vinho. Nas cenas dos vasos áticos em figuras vermelhas, essas bolsas costumam ser retratadas nas mãos dos sátiros. A adoção do termo pela academia moderna para se referir a este tipo de vaso originou-se de uma associação com a forma dos exemplos em couro (<https://www.beazley.ox.ac.uk/tools/pottery/shapes/askos.htm> consultado em 01/08/2022).

Entre os tipos encontrados no Egeu temos contas, selos, estatuetas e vasos de formatos variados, incluindo modelos que imitam frutas ou pássaros. Apesar de termos alguns achados de faiança, em Lefkandi, datados já do Proto-geométrico Inicial (1100-1075 a.C.) - incluindo 202 contas na tumba S.16, de origem levantina -, será ao longo do Proto-geométrico Final (1050-1000 a.C.) que as importações de faiança se tornam comuns (idem).<sup>24</sup> A maioria continua sendo contas e selos, mas também temos anéis, vasos e modelos de frutas.

O mais comum é encontrarmos mais de um objeto em faiança associados. Isto é, eles não eram depositados isoladamente, mas em conjuntos de faiança. Assim, por exemplo, a tumba T59, em Lefkandi, revelou um vaso no formato de uma romã e uma tigela. Um selo em faiança, no formato de uma cabeça humana, foi encontrado na tumba 46 junto a várias contas em formato de disco. Mas a tumba mais rica com este tipo de achado é a T39, apresentada acima, na qual foram encontrados o já mencionado leão deitado, quatro vasos, o asco em formato de pato e contas (Kourou, 2008, p. 351). Lembramos que nesta tumba foram encontrados, também, as rodas cipriotas e o jarro em bronze fenício.

Já na tumba 42, um frasco de faiança no formato de uma romã e um colar com contas de faiança foram encontrados com uma sítula egípcia. Ao longo do primeiro quarto do século IX a.C. (900-875 a.C.) as importações mais comuns nos enterramentos de Lefkandi são constituídas por objetos de faiança ou de vidro. Um colar de faiança com 53 pendentos no formato de uma deusa leoa sentada segurando uma criança é de particular destaque (ibid., p. 352). Este colar foi encontrado na tumba 22, que também continha contas em vidro e em faiança. A representação da deusa é identificada com a egípcia Isis segurando Hórus, sendo que a manufatura é atribuída ao ambiente fenício. Outras tumbas, como a 45 e a 51, revelaram mais contas, pendentos (no formato de esfinges) e tigelas, todos em faiança.

Com datação para os dois períodos subsequentes do século IX a.C. continuamos a encontrar contas variadas, mas em particular o tipo Beth-Pelet, associado ao ambiente cipriota e palestino. Uma exceção a essa regra é uma rara estatueta de um anão acorçado, encontrado na tumba 32. Acredita-se que este seja de manufatura fenícia e que represente os deuses

---

<sup>24</sup> O período Proto-geométrico corresponde, de maneira geral, aos anos de 1050 a 900 a.C.

egípcios Ptah-Seker-Osíris, que os fenícios conheciam como Pataikos (ibid., p. 351).

No santuário ateniense de Lindos, estatuetas semelhantes foram encontradas. Igualmente, em enterramentos cretenses. Por exemplo, o enterramento em *píthos* de uma menina com idade estimada entre 12-16 meses, do Cemitério Norte de Cnossos (idem).

Neste último enterramento, em particular, foi encontrado uma grande estatueta de Nefertum, com cerca 32 cm. O que torna este artefato o maior objeto em faiança importado do Oriente Próximo para o Egeu. As estatuetas em faiança do deus egípcio Nefertum não são raras, mas usualmente são de tamanho diminuto. Na tumba da criança em Cnossos, junto à estatueta de 32 cm, havia uma segunda, do tamanho normalmente encontrado, c. 4 cm (Kourou, 2008, p. 355).

Esta última traz um buraco de suspensão, ou seja, muito provavelmente era utilizada como um amuleto. Segundo Kourou (idem), as estatuetas de Nefertum começaram a ser fabricadas na região da Siro-palestina a partir de meados do século IX a.C., e aparecem também em Chipre e em Rodes.

De Creta temos mais objetos em faiança, mas a maioria não é proveniente de contextos arqueológicos fechados e bem definidos, o que dificulta sua interpretação. Mas temos: um vaso no formato de um leão e outro no chamado formato *B-on-R*; duas estatuetas encontradas na capela de três pilares do Templo B de Kommos, sendo que uma representa, provavelmente, a deusa egípcia leoa Sekhmet e a outra o deus Nefertum. Ambas foram encontradas em pé, entre os pilares, junto a uma estatueta grega de bronze datada do Geométrico Final, isto é, da segunda metade do século VIII a.C.

Uma segunda estatueta de Sekhmet foi encontrada, para o mesmo período e associada a um vaso de faiança, dentro de uma urna de bronze da tumba A1K1 da já mencionada necrópole de Orthi Petra, no importante sítio de Eleftherna (idem).

De Creta, arrolamos um conjunto final de artefatos que se associam aos fenícios: estelas de pedra. Estas são tanto funerárias como votivas e reforçam, inclusive, pensarmos em fenícios residentes permanentes em Creta, para além da presença já pontuada em relação a Kommos (Stampolidis, 2019, p. 497). Os exemplares vêm de três sítios: necrópoles de Cnossos e Eleftherna (Orthi Petra), e da capela dos três pilares do templo B de Kommos.

Este conjunto documental é importante também porque indicaria uma tradição religiosa distinta dentro de uma comunidade grega (Kourou, 2000, p. 1068; 2008, p. 356). A questão cronológica destas estelas é problemática pois não foram encontradas em contextos fechados, mas podemos apontar como um *terminus post quem* o Geométrico Final para as comunidades fenícias tanto em Cnossos como em Eleftherna.

Já em Kommos, o início de um período de frequência fenícia pode ser identificado para um período anterior, como visto. Ânforas de transporte e outros vasos cerâmicos fenícios encontrados no sítio pertencem ao Proto-geométrico Final, isto é, ao final do século X a.C., como visto acima. Já a importante construção em três pilares do templo B, reconhecida como uma capela fenícia foi, de fato, erigida posteriormente, entre meados do século IX e finais do VIII a.C. Deste modo, enquanto residentes permanentes, toda a evidência, de Cnossos, Eleftherna e Kommos, aponta para uma presença fenícia do Final do Geométrico.

## **A cronologia dos contatos**

A partir do exposto acima, podemos afirmar que objetos fenícios começam a aparecer no Egeu desde o Proto-geométrico Inicial, isto é, desde o segundo quarto do século XI a.C., período que marca, justamente, a virada fenícia. No final do século X a.C., estes achados tornam-se razoavelmente comuns, particularmente em Creta, mas também temos exemplos de Atenas. No entanto, o local com mais achados fenícios bem datados continua sendo a Eubeia, em particular, Lefkandi.<sup>25</sup>

Para períodos anteriores, a evidência parece apontar mais para contatos cipriotas. No entanto, de maneira bastante interessante, Nota Kourou lembra que muitos destes objetos cipriotas podem ser entendidos na chave de ‘heranças familiares’, e se referirem a contatos ainda mais antigos, da Idade do Bronze (Kourou, 2008, p. 357).

## **Os personagens**

---

<sup>25</sup> Neste capítulo nos detivemos na documentação material advinda de contextos arqueológicos fechados, mais relacionados com o Egeu meridional. A partir das fontes textuais gregas, no entanto, podemos conjecturar uma extensão maior dos contatos, incluindo o norte do Egeu, como Tassos, por exemplo, onde Heródoto narra que fenícios extraíam ouro (Stampolidis, 2019, p. 494).

Jaime Alvar Ezquerro, no artigo *Modos de contacto y medios de comunicación: los orígenes de la expansión fenicia* (2008), propôs que os contatos estabelecidos pelos fenícios por todo o Mediterrâneo sejam entendidos a partir da mensuração de aspectos como intensidade e periodicidade. Diferentes graus implicariam em diferentes formatos conceituais. Assim, a ideia tradicional de uma pré-colonização, a qual se seguiria uma colonização, não se aplicaria aos fenícios. O que não significa que contatos esporádicos, não sistemáticos, não poderiam vir a se transformar em uma ação colonial. O interessante de sua proposta, é guardarmos a necessidade de interpretar os contatos fenícios pelo Mediterrâneo caso a caso, sem tentar impor um modelo de ação prévio. Assim:

Colonización y precolonización son ante todo modos de contacto, cuya diferencia estriba esencialmente no en el criterio de la secuencia temporal, sino en la frecuencia, intensidad y características del contacto entre culturas. Por ello desearía identificar la colonización como una de las formas posibles en una forma más general de relación intercultural que podríamos denominar Modo de Contacto Sistemático Hegemónico (MCSH). Entre sus características estarían el control directo o indirecto de la explotación de los recursos locales, la gestión de la exportación de los excedentes, la regulación de las formas de intercambio por parte de la comunidad que se desplaza y la consiguiente relación hegemónica con el entorno local. La sistematización regularizada de las relaciones y el predominio del elemento exógeno son, pues, las claves que permite identificar el MCSH.

La precolonización, en cambio, al no compartir esas características, ha de ser encuadrada en otra modalidad del contacto entre culturas. Los intercambios pueden ser esporádicos, lo que no requiere ni regularidad, ni sistematización. Además, el objetivo es lograr un determinado abastecimiento, que no exige el control de la producción o la de su redistribución, por lo que pueden existir enclaves comerciales permanentes sin función administrativa (Ezquerro, 2008, p. 20).

A ideia de nuançarmos nosso entendimento acerca dos processos de exploração fenício dos territórios mediterrâneos e atlânticos,<sup>26</sup> entendendo-os como não necessariamente conectados, nem orquestrados por uma única cidade fenícia, ainda que o papel de Tiro, a partir do século X a.C. seja destacado na documentação, nos permite trabalharmos momento a momento e localidade a localidade.

---

<sup>26</sup> Temos evidência arqueológica da presença fenícia na costa atlântica do Marrocos, na ilha de Mogador e documentação textual, os relatos de Hannon e de Himilcon, de frequentações fenícias e cartaginesas na Cornualha (Slim; Mahjoubi; Belkhoja; Ennabli, 2010, p. 41).

Quais teriam sido os interesses fenícios no Egeu? É preciso lembrarmos que o Mediterrâneo Oriental esteve em intenso contato ao longo de toda a Idade do Bronze. Conforme mencionamos brevemente no início de nosso texto, achados de vasos micênicos em centros cipriotas e levantinos é bastante comum. A documentação arrolada brevemente neste capítulo, por outro lado, procurou pormenorizar a contrapartida, isto é, os tipos de artefatos fenícios mais antigos encontrados no Egeu.

A possibilidade de estabelecermos uma frequência documentada já a partir do século XI a.C., quando a academia interpreta a virada fenícia, demonstra quão bem essas terras eram conhecidas pelas gentes semitas e/ou quão apreciados era o artesanato oriental pelos micênicos e seus descendentes.

Acredita-se que o artesão fenício organizava seu ateliê para suprir o palácio, mas no Iº milênio a.C. este não estaria mais tão sujeito à mão de ferro do rei, como deve ter ocorrido na Idade do Bronze. Na Idade do Ferro, o artesão passa a servir igualmente a um grupo empreendedor privado que, então, se torna importante elemento dentro do sistema econômico levantino (Botto; Oggiano, 2003, p. 1). Ainda assim, a forte presença do palácio real não pode ser descartada, principalmente nesse período inicial.

Atividades de trocas comerciais estão entre as categorias de caracterização dos fenícios. Homero (*Odisséia*, IV, 646; XIV, 190; XV, 116) os apresenta como comerciantes de têxteis e escravos. Não somente, igualmente menciona seu talento para a navegação e para o engano, o ludibriar..... Mas, de fato, com relação especificamente à Fenícia, o período das grandes trocas comerciais de cidades como Tiro, Sídon e Biblos<sup>27</sup> é relativamente breve. Este período pode ser delimitado entre os séculos XI e VIII a.C. (Gras; Rouillard; Teixidor, 1988, p. 80). No entanto, em termos históricos, quatro séculos é um período bastante longo. Devemos levar em conta que ocorreram desde transformações nos quadros sociais das cidades fenícias, incluindo, naturalmente, desenvolvimentos ligados aos agentes da iniciativa comercial, até modificações nas estruturas organizacionais sobre as quais esta iniciativa se apoiava. De maneira análoga, os circuitos nos quais os fenícios agiam também se alteraram, o Ocidente do Mediterrâneo será privilegiado; e

---

<sup>27</sup> Lembramos que durante a Idade do Bronze, antes da virada fenícia, Biblos foi um importantíssimo porto, responsável pelo trânsito de contatos e trocas entre o Egito e o Levante.

os próprios objetos utilizados nas trocas modificaram-se (Kormikiari, 2004, p. 131).

Ao longo do século XX, a academia se acostumou com a ideia da existência de dois momentos consecutivos no processo das navegações fenícias. Entre os séculos XI e VIII a.C. tínhamos o chamado período pré-colonial fenício (Mazza, 1988, p. 196; Kormikiari, 2004, p. 132), ou se se preferir seguir novas conceituações advindas das teorias pós-coloniais, o período do Modo de Contato não Hegemônico (MCnH), conforme o excerto de Jaime Alvar Ezquerro apresentado acima. O período pré-colonial sendo entendido como um momento de visitas frequentes a territórios novos para o aproveitamento de matérias primas locais.

O *Antigo Testamento* é uma importante fonte textual. Em uma famosa passagem, Ezequiel (XXVII, 12-24) nos apresenta o que teria sido o circuito comercial de Tiro. São citadas as seguintes localidades: o Egeu, que nos interessa aqui, a Armênia, a Mesopotâmia e a Arábia.

Em cada região visitada, contactada pelos fenícios, seja no Oriente, seja no Ocidente, temos processos históricos próprios, regionais, os quais podem, eventualmente, serem compreendidos em uma chave mais ampla, global. Mas o tratamento mais localizado nos permite identificar diferentes objetivos, intenções distintas, tipos específicos de trocas e produtos, uma vez que os parceiros das trocas foram também os mais diversos.

As fontes textuais, mesmo que estrangeiras - como as passagens em Homero e no *Antigo Testamento* - podem ser arroladas para jogar luz a alguns destes processos. O relato, escrito sobre um papiro egípcio do século XI a.C., de Ounamon, enviado egípcio de Herihor, supremo sacerdote de Ammon, à corte do rei Shekerbaal de Biblos, será agora abordado, pois acreditamos que ele é muito rico para o nosso entendimento do contexto histórico fenício do período.

Ounamon, encarregado do pátio dos domínios de Ammon em Karnak, foi comissionado por seu superior, o sumo sacerdote Herihor, para ir a Biblos, obter a madeira necessária para a reconstrução do grande barco Ouserhat, o qual servia para transportar a estátua de Amon no Nilo durante a festa de Opet. Depois de entregar suas cartas de credibilidade a Smendès I e Tentamon em Tânis, administradores do Baixo Egito, Ounamon foi enviado para um navio fretado por eles. Primeiramente, parou no porto de Dor, atual

Israel. Durante esta breve pausa, Ounamon foi roubado de parte dos presentes que lhe tinham sido confiados, por um dos homens da tripulação. Assim, quando ele finalmente chega a Biblos, não pode apresentar nem suas credenciais, as cartas, nem os presentes diplomáticos. Deste modo, inicialmente o monarca de Biblos se recusa a vê-lo.

No relato de Ounamon fica claro o seu espanto ao ser recebido de maneira hostil, e passará por maus bocados até conseguir ser aceito como interlocutor do lado egípcio da transação (Bondi, 1995, p. 269). Quando finalmente consegue ser recebido pelo monarca fenício, este demanda que os produtos solicitados sejam pagos pelo egípcio, uma vez que Ounamon havia falhado em sua obrigação, a de trazer os presentes esperados.

Entre o envio de amostras das madeiras, para comprovar sua qualidade, por Shekerbaal, e o pagamento por Smendès I e Tentamon, Ounamon passa cerca um ano esperando em Biblos. Em seu retorno, uma tempestade o joga em Alashiya (Chipre), onde foi atacado por pessoas locais que queriam saquear o navio, antes de receber a proteção da rainha Hatbi.

O relato então se interrompe, mas nos parece claro que os tópicos das trocas de dom conforme estabelecidas por Marcel Mauss no *Ensaio sobre a dádiva*<sup>28</sup> (1974) aparecem nele e, de fato, caracterizam a período do Bronze Final nesta região. Por exemplo, Shekerbaal a princípio se recusa a tratar com Ounamon e o faz apenas quando do Egito lhe é enviada uma série de presentes ou pagamentos. Isto é, quando sua posição é reconhecida, e ele vê-se na *obrigação* de retribuir. O rei de Biblos apresenta-se, então, como um interlocutor em posição de controlar, ele próprio, o objeto da transação, a madeira (cf. Kormikiari, 2004, p. 133): “Se eu der um grito em direção ao Líbano, faço o céu se abrir e os troncos chegarão aqui e o príncipe [...envia 300 homens e 300 bois], colocando à sua frente mensageiros, para que os troncos sejam cortados” (Bondi, 1995, p. 270).

A realeza ainda controla a região do Oriente Próximo no final da Idade do Bronze. Esse mundo de palácios é governado por um poder centralizador e centralizado. Ounamon trata diretamente com Shekerbaal.

---

<sup>28</sup> Publicado pela primeira vez em 1925.

O poder do palácio estaria igualmente no controle do meio de transporte essencial para as empreitadas, os navios. Assim Jaime Ezquerria desenvolve a questão:<sup>29</sup>

Y así, en la medida en la que los barcos intervienen en la adquisición de bienes por parte del grupo dominante, cuyo estilo de vida caracterizan, será en la que tal mismo grupo atiende ese sector artesanal dinamizándolo o manteniéndolo. En este sentido, el comercio ultramarino estaría en manos de los grupos dirigentes del Estado, únicos capacitados para afrontar el gasto requerido en la construcción y aparejo de una nave. Sólo ellos tendrían la posibilidad de obtener, de forma directa o indirecta, los beneficios generados mediante los intercambios. No es probable que hubiera otros miembros de la comunidad capacitados para acceder a esas riquezas (Ezquerria, 2008: 24).

Justamente o *Antigo Testamento* apresenta passagens mencionando expedições conduzidas conjuntamente por hebreus e fenícios a mando dos reis (*I Reis* - 9, 26-28; 10, 11 e 22) provavelmente no litoral do Mar Vermelho: “[...] o rei possuía, no mar, uma frota de Tarshish, em conjunto com uma frota de Hiram, e a cada três anos a frota de Tarshish retornava carregada de ouro, de prata, de marfim, de macacos e de macacas” (*I Reis* - X, 22 - apud Bondi, 1995, p. 270).

Sobre o termo Tarshish, bastante complexo, reproduzimos, de maneira condensada, nossos comentários no texto *O comércio, as trocas e o sistema do dom entre os fenícios* (Kormikiari, 2004, p. 135-137):

Tarshish aparece diversas vezes nas tradições literárias relativas à expansão fenícia no Mediterrâneo. Por exemplo: aparece em uma inscrição arcaica encontrada na colônia fenícia de Nora, na Sardenha (Corpus Inscriptionum Semiticarum - CIS, I, n.144); qualifica os navios de Salomão, como vimos anteriormente, cujas navegações são associadas às de Hiram; e novamente qualifica navios, como em Isaias, 23:1, 6, 10 e 14. No entanto, até hoje, não se chegou a um consenso com relação ao seu significado.

Em suma, Tarshish poderia designar um tipo específico de navio; uma posição geográfica (entre inúmeras outras citações, há a que menciona que Salomão possui navios que vão a Tarshish, junto com servidores de Hiram - *II Crônicas*, 9:21); seria um topônimo (Tarshish, filho de Yawan, segundo a Tábua dos Povos em *Gêneses*, 10: 4, cf. *Crônicas* 1:7); e, ainda, significaria uma pedra preciosa ou semipreciosa (entre outras menções, *Ezequiel* 10:9).

---

<sup>29</sup> Veremos abaixo que outros pesquisadores, como Gras; Rouillard; Texidor e Botto; Oggiano, entendem que a Idade do Ferro traz consigo uma mudança social importante, com a ascensão de uma classe de comerciantes privados, atuando lado a lado com o palácio.

Diante da dificuldade de se associar uma localização geográfica ao termo Tarshish, alguns estudiosos voltaram-se para as outras interpretações advindas da análise das inscrições bíblicas, de uma inscrição de Asarhaddon e da estela de Nora, mencionadas acima. Assim, a expressão "navios de Tarshish" aparece associada ao comércio tírio (Isaias, 23:1 e 14; Ezequiel, 27:25), mais precisamente ao comércio de luxo (Isaias, 2:16), o que vai ao encontro da tradição que apresenta Salomão e Josephat utilizando estes navios para obterem ouro e outras mercadorias raras.

Muitas vezes, estas menções aos "navios de Tarshish " parecem simbolizar o conjunto da atividade marítima (Isaias, 2:26; 60:9; Salmos, 68:8). G. Bunnens (1979, p. 346-348) acredita que devemos enxergar no termo "navios de Tarshish ", navios aptos a realizarem o grande comércio. De maneira análoga aos nossos transatlânticos, estes navios seriam apropriados para o comércio e para percorrer grandes distâncias, até uma hipotética Tarshish, cuja localização exata ainda não possuímos, mas que, talvez, estivesse situada na extremidade da região mediterrânica, provavelmente no extremo ocidente. Não podemos, no entanto, excluir a possibilidade que Tarshish tenha sido alguma área da rica Arábia.

Uma recente compilação do conjunto material relacionado a essas movimentações e trocas entre o Mediterrâneo central e ocidental e o Oriente (Celestino; Rafel; Armada, 2008) mostra a forte atuação de navegantes multi-étnicos, incluindo micênicos, cipriotas, líbios, cananeus (muito provavelmente nossos futuros fenícios) e possivelmente outros grupos, em rotas micênico-cipriotas, desde os séculos XIII/XII - XI a.C. Entre os conjuntos materiais associados a essas primeiras redes de contato, há diversos elementos egípcios, de maneira muito análoga ao que encontramos no Egeu, como visto. Por exemplo, podemos mencionar o achado de contas de cornalina em assentamentos da Andaluzia ocidental. Estas peças têm a forma de garrafinhas, e possuem uma perfuração na extremidade superior do pescoço, levando a crer que formariam adornos pessoais.<sup>30</sup> As análises petroquímicas do material demonstraram a origem egípcia das peças. De fato, estilisticamente falando, contas de pedra deste formato estão presentes no Egito desde meados do II milênio a.C. (XVIII dinastia). Teriam chegado a Andaluzia antes mesmo dos primeiros colonos fenícios, seriam, então, objetos de troca exóticos, de prestígio, nas mencionadas navegações cipro-micênicas.

Interessantemente, essas mesmas rotas serão retomadas, a partir do século X a.C., pelas gentes então estabelecidas como fenícias, ainda junto a elementos cipriotas, quando se manterá a inclusão de objetos de origem

---

<sup>30</sup> São encontradas em conjunto também em contexto funerário cipriota do II milênio a.C.

egípcia entre o conjunto material de trocas. Por exemplo, no sítio sobre a costa tirrênica da Calábria, Torre Galli, foram encontrados objetos que atestam de maneira inequívoca uma presença cipro-fenícia na área entre o fim do século X e o início do IX a.C.: escaravinhos de oficinas egípcias e fenícias. Igualmente, foram encontrados objetos em faiança egeus, e principalmente, marfim, identificado como procedente do Egito, em grande quantidade (Celestino; Rafel; Armada, 2008). Mais uma vez, o paralelo com o Egeu nos parece bastante forte e instigante.

Vasos de luxo usados como objetos pré-monetários podem ter servido, na verdade, nas relações entre reis micênicos e reis fenícios que, como vimos, atuavam adicionalmente como agentes comerciais<sup>31</sup>. Por outro lado, é possível conjecturar sobre um início de empreitadas relacionadas a classes nobres, particularmente para o início do I milênio (Botto; Oggiano, 2003, p.1). No próprio relato de Ounamon, quando da discussão que se desenvolve entre o rei e o nosso infeliz personagem, há uma menção a estes novos agentes, pois Shekerbaal, irado, interpela Ounarnon de sua necessidade de negociar diretamente com ele, o rei, já que havia outros empreendedores a quem ele poderia recorrer: “[...] não há vinte navios de transporte, em meu porto, que possuo em sociedade com Smendès? E, no que diz respeito a Sídon, não tenho lá mais outros cinquenta navios em sociedade com Barkatel?” (Bondi, 1995, p. 270).

A própria expansão da rede de contatos inviabiliza um controle centralizado nas mãos dos soberanos e, aliada muito provavelmente a outros fatores que nos escapam, permite o surgimento de uma classe de navegadores e comerciantes atuando por conta própria. Indícios da existência destes comerciantes-aristocratas chegaram até nós pelas suas grandes tumbas, datadas do século VII a.C., encontradas no Mediterrâneo ocidental (Gras; Rouillard; Teixidor, 1988, p. 106). E por que não lançarmos a hipótese que o mesmo tenha ocorrido em Lefkandi e Creta?

## **Conclusão**

Nas últimas décadas a pesquisa acadêmica se voltou com grande força para os estudos de contato e suas consequências para as populações da Bacia

---

<sup>31</sup> Bem entendido que não estamos nos referindo a um comércio nos moldes capitalistas modernos, são trocas entre grupos de elite.

do Mediterrâneo. As abordagens, agora, partem das Teorias Pós-coloniais, Decoloniais, Globais e Glociais.

O Mediterrâneo é personagem central, permitindo a travessia de imensas distâncias - impensáveis se tivessem que ser percorridas pelos continentes, aproximando os objetos de nossos estudos. Assim, as antes isoladas entidades culturais autônomas: gregos; hebreus; etruscos; romanos; castrejos; berberes; fenícios; entre inúmeros outros, começam a ser repensadas a partir da apreensão de uma compreensão da complexa rede de relacionamentos que estas mesmas sociedades, com suas particularidades culturais, sociais, econômicas e políticas, construíram umas com as outras em locais e momentos específicos ao longo da História.

Apresentamos um pequeno conjunto documental que aponta interessantes caminhos de pesquisa acerca da presença fenícia no Egeu. No século VIII a.C., os gregos adotaram as 'letras fenícias', isto é, adaptaram o alfabeto fenício à sua língua (Heródoto, *História* V, 58). O percurso deste aprendizado muito provavelmente tem raízes muito anteriores, de séculos atrás, como esperamos ter demonstrado.

## **Bibliografia**

### **Fontes textuais**

Heródoto. **História**. Trad. Brito Broca. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Homero. **Odisseia**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1976.

### **Obras**

ACQUARO, E. **Cartagine: un impero sul Mediterraneo**. Roma: Club del Libro Fratelli Melita, 1987 [2ª Ed.].

ANTONIADIS, V. **Early Iron Age Cemeteries at Knossos: The Appreciation of Oriental Imports and their Imitations by Knossian Society**. Tese de doutorado. Departament d'Humanitats, Institut Universitari d'Historia Jaume Vicens i Vives, Universitat Pompeu Fabra, Madrid, 2012.

AUBET, M. E. **The Phoenicians and the West. Politics, Colonies and Trade**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997 (1ª Ed. 1987).

BONDÌ, S. F. Le commerce, les échanges, l'économie. In: KRINGS, V. (Ed.). **La civilisation phénicienne et punique**. Manuel de recherche. Handbook of Oriental Studies, Zwanzigster Band. Köln: E. J. Brill, 1995. pp. 268-281.

BOTTO, M.; OGGIANO, I. L'Artigiano. In: ZÁMORA, J. (Ed.). **El hombre fenicio: estudios y materiales**. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2003, pp.1-19.

BUNNENS, G. **L'expansion phenicienne en Mediterranee. Essai 'interpretation fondée sur une analyse des traditions litteraires'**. Roma / Bruxelles: Institut Historique Belge de Rome, Études de Philologie, D'Archéologie et d'Histoire Anciennes, v. 17, 1979.

CELESTINO, S.; RAFEL, N.; ARMADA, X.-L. **Contacto cultural entre el Mediterraneo y el Atlantico (siglos XII-VIII a.e.) - la precolonización a debate**. Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma, Serie Arqueológica 11. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008.

CRAWLEY QUINN, J. **In Search of the Phoenicians**. Princeton: Princeton University Press, 2018.

GRAS, M.; ROUILLARD, P.; TEIXIDOR, J. **L'univers phénicien**. Paris: Artaud, 1988.

HALL, J. **Ethnic Identity in Greek Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HALL, J. **Hellenicity, between Ethnicity and Culture**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

HODOS, T. **The Archaeology of the Mediterranean Iron Age**. A Globalising World c. 1100-600 BCE. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

KILLEBREW, A. E. Canaanite roots, proto-Phoenicia, and the early Phoenician Period. Ca. 1300-1000 BCE. In: LÓPEZ-RUIZ, C. et al. (Eds.). **The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean**. Oxford: Oxford University Press, 2019, pp. 39-55.

KORMIKIARI, M. C. N. Expansão marítima e influência cultural fenícia no Mediterrâneo centro ocidental. **Clássica**, Anais da VII Reunião Anual da SBEC, 1993, pp. 261-267.

KORMIKIARI, M. C. N. O comércio, as trocas e o sistema do dom entre os fenícios. In: Alexandre Galvão Carvalho. (Org.). **Interação social, reciprocidade e profetismo no Mundo Antigo**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2004, pp. 127-154.

KORMIKIARI, M. C. N. Quem eram os fenícios? Ou da crise identitária na Academia do século XXI. **Hélade**, vol. 5, n.2, 2019, pp. 13-34.

KOUROU, N. Phoenician Presence in Early Iron Age Crete Reconsidered. **Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos**. Cádiz, 2 a 6 de outubro, 1995. Cádiz: Servicios de Publicaciones Universidad de Cádiz, 2000, pp. 1067-1081.

KOUROU, N. The evidence from the Aegean. In: Sagona, C. (Ed.). **Beyond the Homeland: Markers in Phoenician Chronology**. Leuven, Paris, Dudley, MA: Peeters, 2008, pp. 305-364.

KRINGS, V. (Ed.). **La civilisation phénicienne et punique: manuel de recherche**. Handbook of Oriental Studies. Section 1 The Near and Middle East, Vol. 20. Brill Academic Publishers, 1994.

LÓPEZ-RUIZ, C. e DOAK, B. R. (Eds.) **The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean**. Oxford University Press, 2019.

MATTINGLY, D. J. e HITCHNER, B. Roman Africa: an Archaeological Review. **The Journal of Roman Studies**, n. 85, 1995, pp. 165-213.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: E.P.U.; Edusp, 2 vols., 1974 (1ª Ed. 1925).

MAZZA, F. La 'precolonizzazione' fenicia: problemi storici e questioni metodologiche. In: ACQUARO E. et al. (Orgs.). Momenti precoloniale nel Mediterraneo Antico. **Atti del Convegno Internazionale**, Roma, 1985. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche, 1988, pp.191-203.

MOSCATI, S. **Problematica della Civiltà Fenicia**. Studi Semitici, vol. 46. Roma, 1974.

NIGRO, L. The temple of Astarte 'Aglaiá' at Motya and its Cultural Significance in the Mediterranean Realm. In: BLAKELY, S. et al. (Orgs.). **Religious Convergence in the Ancient Mediterranean**. Studies in Ancient Mediterranean Religions. Lockwood Press, 2019, pp.101-125.

POPHAM, M. An engraved Near Eastern Bronze bowl from Lefkandi. **Oxford Journal of Archaeology**, vol. 14, n. 1, 1995, pp. 103-107.

SHARON, I. et al. An Archaeological Contribution to the Early Iron Age Chronological Debate: Alternative Chronologies for Phoenicia and Their Effects on the Levant, Cyprus and Greece. **Bulletin of the American Schools of Oriental Research**, n. 332, 2003, pp. 7-80.

SLIM, H.; MAHJOUBI, A.; BELKHOJA, K.; ENNABLI, A. L'Antiquité. **Histoire Général de la Tunisie**. Túnis: Sud Éditions, 2010.

STAMPOLIDIS, N. The Aegean. In: LÓPEZ-RUIZ, C. et al. (Orgs.). **The Oxford Handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean**. Oxford: Oxford University Press, 2019, pp.493-503.